

SOCIABILIDADE NO TEMPO DOS CASARÕES

MÔNICA RENATA SCHMIDT PEGORARO¹; FLÁVIA MARIA SILVA RIETH²

¹Universidade Federal de Pelotas – monicarenata @outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – rieth.flaviamaria@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve e analisa alguns aspectos da sociabilidade da elite social no tempo dos casarões da Villa Sequeira, atual balneário Cassino. O estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, que desenvolvo junto ao mestrado em Antropologia, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. A transformação destas formas de sociabilidade, com a inclusão do popular, que passou a reconfigurar o cotidiano do balneário, já a partir das primeiras décadas do século XX, constitui a questão que serve como baliza para a pesquisa. Com 135 anos de existência, o Cassino está entre os balneários mais antigos do Brasil. O objetivo é analisar a Avenida Rio Grande e a praia enquanto espaços e experiências e o que elas dizem sobre a vida dos grupos humanos na cidade ao longo do tempo. O recorte espacial do trabalho de campo é a extensão da avenida, com aproximadamente 1,8 quilômetros, que começa no pórtico de entrada/saída do balneário e se estende até à orla da praia, onde está localizada a estátua de lemanjá.

Entre outras proposições teóricas cumpre destacar os preceitos de Max Gluckman, centrados na análise de situações sociais as quais, constituem “grande parte da “matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa. A partir das situações sociais e de suas inter-relações numa sociedade particular, podem-se abstrair a estrutura social, as relações sociais, as instituições, etc.” (GLUCKMAN, 1987, p. 228), da sociedade estudada. Outrossim, a contribuição do conceito de sociabilidade, criado originalmente no âmbito da sociologia por Georg Simmel e, posteriormente, ressignificado por meio dos diálogos entre sociologia e a antropologia, inclinadas à investigação da vida urbana. Nas “suas manifestações a sociabilidade não têm propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo é nada além do sucesso do momento sociável e, quando muito da lembrança dele” (SIMMEL, 1983, p. 170). No transcurso do século XX, tal conceito passou a abranger esferas, como relações cotidianas ou familiares, encontros, costumes, festas e rituais, entre outros. A expressão, “no tempo dos casarões”, remete a antiga estação balnear Villa Sequeira, outrora, final do século XIX e início do XX, um local de veraneio considerado sofisticado, com sua paisagem dominada pelos *chalets*, casas de aluguel, hotel de luxo e por práticas como, por exemplo, os banhos terapêuticos, o *footing* e o jogo de *cricket*, marcas de uma sociabilidade identificada com uma elite europeizada.

2. METODOLOGIA

A metodologia compreende revisão bibliográfica acerca do Cassino e sobre formas de vida social em contextos de balneário, o uso de documentação fotográfica de caráter histórico, associado à pesquisa etnográfica, com produção de imagens recentes do balneário e combinado com entrevistas e conversas informais com moradores e frequentadores do local. Busca-se explorar as imagens

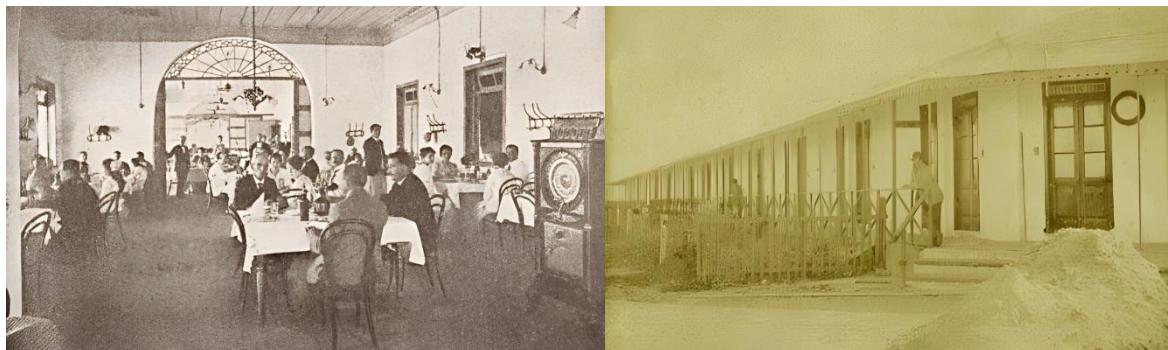
e as memórias dos interlocutores a partir da perspectiva da etnografia da duração voltada para uma antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas (ECKERT; ROCHA, 2013), a qual versa sobre “lembraças e reminiscências históricas dos seus habitantes e do arranjo espacial das formas de vida social apresentadas por eles em seu cotidiano ao longo do tempo” (ECKERT; ROCHA, 2003, p. 57). Outrossim, o método da etnografia de rua ou na rua que “consiste no desenvolvimento da observação sistemática em uma rua e/ou em ruas de um bairro e na descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua” (ECKERT; ROCHA, 2019, p. 12). A ideia de “deslocamentos” sugerida por Eckert e Rocha (2019), auxilia no processo de apreensão da dinâmica da vida citadina. O exercício de exploração dos espaços urbanos é realizado através de caminhadas, no caso desse estudo, com destino fixo, ou seja, ao longo da avenida. As caminhas são mediadas pelo uso de recursos audiovisuais como a câmera fotográfica e/ou a câmera de vídeo, conforme as proposições de Eckert e Rocha (2003; 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho encontra-se em fase de qualificação, com o primeiro capítulo escrito, que versa o balneário Cassino e suas temporalidades. A realização do levantamento de documentação e imagens históricas contribuiu no sentido de compreender a lógica de ocupação urbana do balneário no tempo e no espaço e como foi se constituindo a Avenida Rio Grande. Outrossim, foi possível averiguar que até 1889, a praia e os banhos de mar já figuravam intensamente no cotidiano da cidade. Esse contexto pavimentou o caminho para a consolidação da praia como um elemento intrínseco à identidade local (FERREIRA, 2012). A espinha dorsal para a implementação da infraestrutura necessária para os banhos de mar residiu na construção da ferrovia. Destarte, a história do Cassino remonta ao século XIX e representa um conjunto de inovações administrativas, comportamentais e de infraestrutura no contexto das aspirações das elites provinciais em replicar os hábitos europeus no extremo sul do Brasil. A vilegiatura marítima ocasionou mudanças significativas no cotidiano da cidade, uma vez que introduziu novas formas de lazer em um ambiente até então desconhecido pela maioria da população (TORRES, 2009).

A praia de banhos da Villa Sequeira foi oficialmente inaugurada no dia 26 de janeiro de 1890, após a aprovação das tabelas de passagens e fretes pela Junta Municipal. O local dispunha de infraestrutura moderna para a época, incluindo sistema de água encanada e iluminação elétrica. Além disso, contava com um conjunto de 40 casas geminadas, vinte chalés particulares, um bonde puxado a mulas que fazia o percurso da vila até a praia, e um hotel (Figura 1) de alto padrão (PEREIRA, 2005). O Sr. Miguel, coordenador do Ponto de Cultura ArtEstação lembra que “o Hotel Cassino, agora Atlântico, tinha muitos jogos de azar e de sorte, pra irem ali ia um cocheiro suando com uma roupa de veludo e pegava as pessoas e levava para jogar então era uma coisa para elite mesmo” (Diário de campo, verão de 2024).

Figura 2- Sala de refeições e frente para o mar do Hotel Cassino



Fonte: Beira Mar

Figure 1- *Footing* e jogo de *Cricket* na praia



Fonte: PEREIRA, 2005, p. 42

A *Chronica Casinense* publicada em 1918 no jornal *Echo do Sul* é de autoria de um repórter que acompanhava a vida cotidiana na cidade e exemplifica a reprodução de hábitos europeus nas primeiras décadas de existência da estação balnear da Villa Sequeira sendo o *footing*, do inglês, “ir a pé” um deles. A matéria jornalística destaca a vida tranquila e elegante e a moda do esnobismo que vigorava naquele contexto:

São ainda calmos os dias aqui, são poucas as diversões e procura-se matar o tempo do modo que se pode. Passeios pela Avenida Rio Grande e pela praia, faz-se com isso o *footing* à beira-mar, anima, consola e diverte; com os passeios ao longo do mar uma alegria comunicativa rejuvenesce os corações. Como satisfaz o *footing* na praia, onde se percebe agora como são bonitas as brasileiras de sociedade! A cada passo encontramos gente bela, harmoniosa e airosa. O *footing* é uma necessidade e os habitantes do Casino perceberam isso (*ECHO DO SUL*, 4/01/1918).

Outra distração, além do *footing* na praia e na avenida, era o jogo de *cricket* na praia. Tradicionalmente, o *cricket* é um esporte que utiliza taco e bola, envolvendo duas equipes de 11 jogadores que realizam arremessos, rebatidas, corridas e eliminações, com o objetivo de fazer tombar o *wicket*, um conjunto de três tocos com travessas do adversário. Já o *cricket* de praia (Figura 2) pode ser

uma variação do jogo tradicional uma vez que é jogado na areia, com regras mais flexíveis, com menos formalidade e mais destaque na diversão.

4. CONCLUSÕES

O balneário Cassino correspondeu às expectativas da elite regional, tornando-se um espaço sofisticado, com a construção de hotéis e *chalets*, consolidando a prática dos banhos terapêuticos e inaugurando a sistemática do veraneio, que se popularizou ao longo do século XX. A nova urbanidade estava constituída, tendo como eixo central a avenida Rio Grande, um espaço elitizado onde os casarões começaram a ser erguidos a partir de 1890. Os veranistas desfilavam por essa via ladeada por residências ostentavam estilos arquitetônicos inspirados na França, Alemanha, Inglaterra, Portugal e Itália.

Nessa perspectiva, a pesquisa antropológica contribui com os estudos voltados para dinâmica da vida balneária, a valorização da memória coletiva e da identidade cultural dos moradores e frequentadores do balneário, uma vez que a avenida é entendida como um espaço de memórias, ou seja, um repositório de histórias e experiências que marcaram gerações e que servem como uma ponte entre o passado e o presente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. A cidade como objeto temporal. In: ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, Cap. 4, p. 48-59.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ECKERT, C. ROCHA, A. L. C. da. Etnografia na rua e câmera na mão. **Studium**, Campinas, SP, n. 8, p. 11-22, 2019.

FERREIRA, F. N. **Ao Sul o mar também é pampa**. Sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892). 209 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In. FELDMAN-BIANCO, B. (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**. São Paulo: Global, 1987, p. 227-344.

PEREIRA, C. M. **Memórias de um Balneário**: patrimônio edificado do Cassino. 2.ed. Rio Grande: Salisgraf, 2005.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática 1983, p. 165-181.

TORRES, L. H. **O Balneário Cassino**: o nascimento do banho de mar planificado no Brasil. Rio Grande: FURG-EdGraf, 2009.